
Narrativas da censura informacional registrada sob a ótica historiográfica: apreciações a partir da influência do Terceiro Reich Alemão

Alessandra Nunes de Oliveira

Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação Comunicação, PA, Brasil
alessandranunesoliveira@gmail.com

Luiz Eduardo Ferreira da Silva

Universidade Federal do Paraíba, Curso de Arquivologia, João Pessoa, PB, Brasil
LuizEduardo.ufpb@gmail.com

Jetur Lima de Castro

Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação Comunicação, Belém, PA, Brasil
jetur.er@gmail.com

ARTIGOS DE REVISÃO

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v11.n1.2018.8430>

Recebido/Recibido/Received: 2017-02-11

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2017-12-17

Resumo: O artigo investiga o contexto historiográfico do Terceiro Reich Alemão situando os caminhos da censura, sua influência com a propaganda política nazista e seu clímax com a ação *bücherverbrennung* (queima de livros) que envolveu as bibliotecas alemãs. Configura-se como uma abordagem teórica de cunho histórico, bibliográfico e documental, adotando o conhecimento indiciário, evidenciando os aspectos interpretativos de outras formas do saber que partilham das pistas e pegadas através do conhecimento indireto. Apresenta o contexto da censura em livros a partir das narrativas historiográficas do Terceiro Reich Alemão, destacando a intenção da intolerância nazista, a qual ficou marcada contra a liberdade de expressão e do conhecimento, que se propagou por estratégias propagandistas empregadas a influenciar adeptos às práticas do extremismo nazista. Resgata à memória dos bibliotecários alemães que no exercício de sua função foram perseguidos pela barbárie nazista e, ao mesmo tempo, cativos de um regime ultrajante nas realizações de suas funções como disseminadores do conhecimento e dos seus aspectos científico, técnico e humanista.

Palavras-chave: Alemanha; Bibliotecário; Censura; Informação; Terceiro Reich.

Narratives of information censorship recorded under the historiographic optic: appreciations from the influence of the Third German Reich

Abstract: The article investigates the historiographical context of German Third Reich locating their ways of censorship, its influence with political propaganda Nazi and its climax with *bücherverbrennung* action (book burning) involving German libraries. It establishes itself as a theoretical approach of historical, bibliographic and documentary character, adopting the knowledge of evidence, evidencing the interpretative aspects of other forms of knowledge that share the clues and footprints through indirect

knowledge. It presents the context of censorship in books from the historiographical narratives of the Third German Reich, highlighting the intention of Nazi intolerance, which was marked against freedom of expression and knowledge, propagated by propagandist strategies employed to influence adherents to practices of Nazi extremism. Rescues the memory of German librarians in your function were persecuted by the Nazi barbarism and, at the same time, captives of an outrageous regime on the achievements of their role as disseminators of knowledge and scientific aspects, technical and humanist.

Keywords: Germany; Librarian; Censorship; Information; Third Reich.

Narrativas de la censura informacional registrada bajo la óptica historiográfica: apreciaciones a partir de la influencia del Tercer Reich Alemán

Resumen: El artículo investiga el contexto historiográfico del Tercer Reich alemán localizando sus formas de censura, su influencia con la propaganda política nazi y su clímax con la acción *bücherverbrennung* (quema de libros) que involucra a las bibliotecas alemanas. Establece como un enfoque teórico, histórico, bibliográfico y documental carácter, adoptando el conocimiento de las pruebas, evidenciando los aspectos interpretativos de otras formas de conocimiento que comparten las pistas y huellas a través de indirectas conocimiento. Presenta el contexto de la censura en los libros de los relatos historiográficos del tercer Reich alemán, destacando la intención de intolerancia Nazi, que marcó contra la libertad de expresión y conocimiento, propagada por estrategias propagandísticas empleadas para influir en adherentes a las prácticas del extremismo Nazi. Resgata a la memoria de los bibliotecarios alemanes que en el ejercicio de su función fueron perseguidos por la barbarie nazi y al mismo tiempo cautivos de un régimen ultrajante en las realizaciones de sus funciones como diseminadores del conocimiento y de sus aspectos científico, técnico y humanista.

Palabras clave: Alemania; Bibliotecario; Censura; Información; Tercer Reich.

1 Introdução

O estudo investiga o contexto historiográfico do Terceiro Reich Alemão situando os caminhos da censura, sua influência com a propaganda política nazista, seu clímax com a ação *bücherverbrennung* (queima de livros) que envolveram as bibliotecas alemãs. A fim de analisar o passado em seu percurso histórico, considera-se a escrita da história como fenômeno da qual se torna possível o resgate do conhecimento humano e social.

Configura-se como uma abordagem teórica de cunho histórico, bibliográfico e documental. Já apresentado por Tachizawa e Mendes (2006), de forma geral, a proporcionar um de espaço de compreensão e debate nas questões que intrigam a realidade. Tenta explicar e desenvolver um problema, usando conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros ou obras homólogas, documentos impressos e digitais, vídeos, assim como documentos oficiais indispensáveis nos estudos históricos (GIL, 2002).

Adotando o conhecimento indiciário e evidenciando as configurações interpretativas de outras formas de saber que partilham das pistas e pegadas através do conhecimento indireto, ressalta-se o contexto da censura em livros a partir das narrativas historiográficas do Terceiro Reich Alemão. Proporcionado por Ginzburg (1989), através da descrição indiciária,

remonta os tempos primigênicos, quando o homem era um caçador¹ que reconstruía os caminhos nas pegadas deixadas como vestígios para construção de fatos.

Na abordagem, o “[...] pesquisador indiciário se torna um “detetive metodológico”, que através das várias maneiras de investigar acaba adotando o aspecto “intrínseco da subjetividade” e da alteridade ontológica e dialógica [...]” (SILVA, 2013, p. 26). A partir das evidências alcançadas, a pesquisa pretendeu examinar quais os autores que foram perseguidos durante o período nazista? Quais foram as obras e publicações censuradas e o que essas obras traziam de “ameaçador” como finalidade para a sociedade alemã?

Diante do contexto, procura-se trazer os bastidores e as tramas da censura a partir de uma análise historiográfica através das ações atravancadas das bibliotecas alemães, a qual torna-se pertinente aos estudos sobre a história dos livros e das bibliotecas vivenciado na Segunda Guerra Mundial.

Por conseguinte, pode ser destacado a intenção da intolerância nazista, a qual ficou marcada contra a liberdade de expressão do conhecimento, em que se propagou por estratégias propagandistas empregadas à influenciar adeptos às práticas do extremismo nazista.

Ao fim, tenta resgatar à memória dos bibliotecários alemães que no exercício de sua função foram perseguidos pela barbárie nazista e, ao mesmo tempo, cativos de um regime ultrajante nas realizações de suas funções como disseminadores do conhecimento e dos seus aspectos científico, técnico e humanista.

2 A historicidade de um acontecimento

É imprescindível falar da história da humanidade sem abordar as guerras cometidas, que assolaram diferentes povos diante das atrocidades, sobretudo, na morte precoce de inocentes, uma das formas mais incompreensíveis para se conquistar o poder. O mundo vivenciou duas guerras mundiais, a primeira² teve a duração de quatro anos, ocorrida de 1914 a 1918 e a segunda com um pouco mais, tendo a existência de seis anos, de 1939 a 1945.

¹ O caçador teria sido o primeiro a ‘narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas, uma série coerente de eventos. ‘Decifrar’ ou ‘ler’ as pistas dos animais são metáforas (GINZBURG, 1989, p. 152).

² A Primeira Guerra foi deflagrada por diversos motivos, alguns historiadores culpam as tensões iniciais pelo atentado que matou Arquiduque Francisco Ferdinando em 1914 e logo em seguida pelo nacionalismo que se proliferava na Europa com o pangermanismo, que visava forma um Império com países de origem germânica como Áustria, países baixos e o pan-eslavismo liderado pela Rússia, em conquistar países de origem Eslava. Era a Hegemonias de grandes Países querendo propiciar-se de poderes políticos e ideológicos. A rivalidade entre Alemanha e Inglaterra foi também uma das causas, devido os ingleses dominar os mares e os alemães não se sentiram confortáveis com essa dominação o que passou a ocorrer a corrida armamentista.

Em linhas gerais, pode-se observar que a segunda guerra foi ocasionada pelo sentimento de revolta, devido à humilhação dos vencedores da primeira guerra, que faziam parte da tríplice entente constituída por Grã-Bretanha, França e Rússia (DEZORDI, 2010, p. 43). Deixaram para a Alemanha e seus aliados (Áustria, Hungria e Itália), as quais faziam parte da tríplice aliança, o cumprimento do Tratado de Versalhes, o qual consistia em imposições e deveres.

O tratado, conhecido como tratado de paz, não foi significativo para ambos os lados, tendo em vista que a tríplice entente, grupos dos considerados vencedores da guerra, usufruíram de sua “paz” e haviam se beneficiado disso. Em contrapartida, os derrotados da guerra, os países-membros da tríplice aliança, tiveram que se submeter a cláusulas sem nenhum benefício.

O tratado de Versalhes foi condenado como uma paz ditada, imposta de forma unilateral sem possibilidade de negociação. O Entusiasmo que muitos alemães de classe média haviam demonstrado pela guerra em 1914 virou um ardente ressentimento quanto aos termos da paz quatro anos depois (EVANS, 2014a, p. 108).

Rodrigues (1988, p. 59) aponta algumas das seguintes ordens do tratado dos vencidos para com os vencedores, que consistiram em:

- Cláusulas territoriais: A Alemanha devia entregar a Alsácia-Lorena à França, Eupen e Malmedy à Bélgica, a parte setentrional de Schleswig à Dinamarca e largos trechos da Posnânia e da Prússia Ocidental à Polônia;
- Cláusulas militares: O exército alemão seria reduzido a um contingente máximo de cem mil homens, recrutados por alistamento voluntário e armado exclusivamente com armas leves;
- Cláusula moral e financeira: A Alemanha deveria reconhecer ter sido responsável pela eclosão do conflito, assumindo a culpa pelos prejuízos que a guerra causou aos governos aliados e aos seus cidadãos. Por conseguinte, os vencedores tinham o direito de impor à administração alemã, à guisa de “reparações”, pesadas indenizações de guerra, cujo montante viria a ser fixado em 33 bilhões de dólares.

Enquanto países se fortaleciam com o tratado de Versalhes, a Alemanha vivenciava sua desonra, uma vez que logo após o “tratado de paz” encontrava-se deflagrada pela crise econômica, derrotada e endividada, tornando as coisas mais difíceis (EVANS, 2014a).

Com a crise, o austríaco Adolf Hitler, um dos soldados que lutou na Primeira Guerra mundial no exército alemão, dotado da ideologia pangermanista³, a qual consistia na união dos povos de língua alemão da Europa central, exerceu elevada dedicação na guerra, chegando a

³ Movimento político de lenta e gradativa expansão do século XIX que defendia a união dos povos germânicos da Europa Central e a formação de um novo Santo Império (LIMA, 1956, p. 295).

ganhar cruz de ferro devido a sua bravura como mensageiro de guerra atravessando as trincheiras. Porém, precisou abandonar a batalha por ser atingido por uma bomba de gás, o que ocasionou perda temporária de sua visão. No hospital em que estava, a notícia do final da guerra e a derrota do exército alemão ocasionaram sentimento de revolta. A partir de então, acompanharia a Alemanha entrando em decadência e logo, perdendo seus territórios e sendo diminuída.

Vendo as consequências que o tratado trouxe a Alemanha, rebelou-se contra tal situação e passou a propagar com veemência o nacionalismo⁴. Com esse escopo Hitler foi incentivado a fazer cursos que despertassem sentimentos políticos nacionalistas. Na abordagem de Evans (2014a, p. 223), “[...] Hitler obedeceu às ordens de seu oficial superior e foi para os cursos de instrução política que viriam a lançá-lo em sua carreira política”.

No transcorrer de sua vida Hitler se afiliou em seu primeiro partido, o Partido dos Trabalhadores alemães (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, DAP), devido a sua capacidade de oratória, levantava a valorização extremista do nacionalismo, o que acabou destacando-o como bom orador e atraindo mais adeptos. Considerando que sua futura liderança no DAP seria apenas uma questão de tempo, “não demorou muito para se tornar o líder do partido, que mudaria o nome para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, ou NSDAP)” (COUTO, 2009, p. 36).

Passando a existir na Alemanha, o então Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP)⁵, liderado por Adolf Hitler, o qual se pode descrever como o mentor da ideologia nazista, não chegou ao poder de maneira simples, sendo que em 1932 concorreu para presidência, mas, não obteve sucesso, sendo derrotado para o então reeleito, Hindenburg. Contudo, no mesmo ano Hitler foi eleito chanceler da Alemanha, “por meio de um decreto-lei, o chefe nazista obtém plenos poderes. Obteve o título de Führer no ano seguinte com a morte do então presidente” (CAETANO, 2010, p. 3).

Assim que foi dado início para uma Alemanha marcada por um regime ditatorial, quando trazia em sua liderança atitudes opressivas em todas as esferas sociais, surge a ideologia nazista, na qual, conforme Evans (2014a, p. 26), consistia “[...] a partir de elementos díspares de antissemitismo, pangermanismo, eugenia e a chamada higiene racial [...] hostilidade à democracia e hostilidade ao modernismo cultura [...]”.

⁴ O nacionalismo se caracteriza pela valorização exacerbada do seu Estado. Acreditando na superioridade de seu País frente às demais nações, acreditando em ser o único que possui virtudes. Conforme Corção (1950, p.34) “O nacionalismo é por isso um sentimento duro, implacável, destituído de ternura e oposto à reverência”. O nacionalismo não deve ser confundido com patriotismo, enquanto o primeiro mostra ser extremo, limitando-se somente ao seu povo. O patriotismo se constitui em orgulho pela sua nação, porém entende que outras nações têm suas virtudes e seus patriotas.

⁵ Mais conhecido como Nazismo.

O antissemitismo correspondia ao ódio aos judeus. Hitler não mediu esforços para professar sua aversão aos judeus, sendo um dos focos que seu partido tanto seguiu quando chegou ao poder. Em seu Livro, *Mein kumpf*⁶, descreve que os “judeus procuram inocular, no espírito do povo, ideias perigosas, aliás, mortalmente perigosas [...] que com judeus não se pode compactuar” (HITLER, 2010, p. 62).

No entanto, vale ressaltar que o preconceito não surgiu apenas contra os semitas, mas também contra os comunistas, “os objetivos políticos principais do novo regime, pelo menos durante os primeiros meses após a adesão dos nazistas ao poder, não foram judeus, mas os comunistas” (FRIEDLÄNDER, c2009, p. 6). Tudo deveria proceder do “sangue alemão” ou “sangue ariano”, ideologia criada por Hitler, onde era defendida a pureza racial, ou seja, a separação de raças. Acreditava-se que o verdadeiro alemão descendia do povo indo-iraniano.

Como explica Couto (2009, p. 20), “esta “pureza”, que originaria a separação de classes, foi à base inspiradora dos defensores do arianismo [...]”. O sangue agora seria o fator comprobatório para pertencer à classe do verdadeiro alemão. O ariano, para os nazistas, seria conduzido seriamente pelos nazistas quando Hitler, após sua chegada ao poder, teve a iniciativa de criar leis que dividissem a sociedade alemã em raças.

A chamada “leis de Nuremberg” significou o marco para dividir a sociedade alemã em raças e implantar a intolerância e o preconceito. Constituída de leis intituladas: Proteção do Sangue e da Honra Alemã, Lei de Cidadania do Reich e Primeira Regulamentação da Lei de Cidadania do Reich. Todas possuíam o objetivo de enaltecer um cidadão alemão ou condenar os que não possuíam o sangue ariano, especificamente os judeus. Como exemplo, a Lei de cidadania do Reich (*Reichsbürgergesetz*), de 15 de setembro de 1935, definia o que seria o “verdadeiro” cidadão alemão e, conseqüentemente, ocasionava a divisão na sociedade alemã.

O art. 2, inciso 1 a 3 promulgava que:

§1. Um cidadão do Reich é somente aquele sujeito que é de sangue alemão ou aparentado e que, através de sua conduta, mostra que é tanto desejoso quanto apto para servir lealmente ao povo e ao Reich alemão.

§2. O direito à cidadania é adquirido por concessão de documentos de cidadania do Reich.

§3. Somente o cidadão do Reich goza plenos direitos políticos de acordo com a provisão das leis (BAUER, p. 1, 2008, tradução nossa).

Contudo, para ser considerado cidadão alemão era preciso comprovar através de sua linhagem familiar que não possuía nos seus antepassados, origens judaicas. Caso contrário,

⁶ Livro escrito na prisão, quando foi encarcerado devido ao ato, Putsch da cervejaria de 1923, quando Hitler tentou tomar o poder, “seu objetivo era conquistar o governo da região da Baviera e, de lá, tomar o controle do resto do país” (COUTO, 2009, p. 40). Seu livro acabou sendo lançado em 1925, considerada a bíblia nazista.

perderiam seus direitos como cidadãos, pois, de acordo com a Primeira Regulamentação da Lei de cidadania do Reich de 14 de novembro de 1935, determinava que:

§1. Um judeu é qualquer um que descenda de no mínimo três avós que são judeus. Artigo 2º, §2, segunda sentença será aplicada.

§2. Um judeu é também um que é descendente de dois pais judeus, se ele (a) pertencia à comunidade religiosa judaica no tempo que esta lei foi emitida, ou ingressou na comunidade depois, (b) ele era casado com uma pessoa judia, no tempo que a lei foi emitida, ou casada com um subsequentemente, (c) ele é o fruto de um casamento com um judeu, no sentido da Seção 1, que foi contraído depois que a Lei Para a Proteção do Sangue e Honra alemão entrou em vigor, (d) ele é o fruto de uma relação extramarital com um judeu, de acordo com a Seção 1, e nascerá ilegítimo após 31 de julho de 1936 (BAUER, 2008, p. 2-3 tradução nossa).

A partir desta lei, os judeus começaram a perder seus direitos básicos de convivência social, como, por exemplo, a proibição de trabalhar no funcionalismo público e participar de questões políticas, ou seja, ser um judeu na Alemanha nazista implicaria em apenas obrigações e nenhum dos deveres do estado para com os semitas. Para os nazistas, estas leis foram viáveis, pois, entendiam como forma de honrar e proteger o sangue alemão.

À medida que utilizava da defesa de “pureza racial”, o nacionalismo do povo alemão era enaltecido de forma extremista, novos partidários eram alcançados e o preconceito era instalado. Todavia, vale enfatizar que o partido nazista não teria sua ideologia tão veemente praticada pelo povo alemão se não fosse pela estratégia de propaganda.

Conforme analisar-se-á no próximo item, os caminhos pairam sobre propaganda e ações feitas pelo partido nazista para influenciar o povo germânico à aceitação de suas ideologias. Assim, mostra-se cartazes de filmes para que o leitor consiga observar como ocorria a propaganda nas imagens, bem como analisar imagens de documentários, que exprimem como eram feitas algumas propagandas e seus efeitos.

3 A propaganda política nazista

O nazismo não apenas chegou ao poder em 1933 como também conseguiu muitos adeptos para suas ideologias. Muitos questionamentos pairam sobre como um partido que abusou do próprio poder, humilhou e inferiorizou os que deles não o pertenciam, de certo modo conseguiu muitos seguidores que defendiam a sua ideologia, “honravam seu líder” e estavam dispostos a serem cúmplices das atitudes em favor do partido nazista.

De fato, estes são questionamentos de quem observa do lado de fora o acontecimento, quando esta deixa marcas na história da humanidade, mas, é preciso se localizar no tempo do acontecimento e tentar entender, através dos indícios sobre a realidade social que vivenciava o povo germânico na época, o porquê do Nazismo ter conseguido milhares de seguidores.

Com um país em crise, sua economia desestruturada, altos índices de desemprego e surge um líder que promete tirar o povo da pobreza e da humilhação, qual seria a reação do povo? Um povo que se encontrava vulnerável devido à desestruturação de seu país e um líder que utilizou da oratória convincente e do entusiasmo para atingir a camada social alemã, certamente acarretaria seguidores.

Diante disto, “Hitler, de fato, soube explorar bem os sentimentos de humilhação, impotência, insegurança do pós-guerra. Conquistou as massas e o poder porque foi sensível aos anseios do povo” (CAPELATO, 1995, p. 86). É possível observar que Hitler realmente soube aproveitar a situação dos alemães na pós Primeira Guerra para ganhar seus adeptos.

Hitler passava força e entusiasmo de querer tirar a Alemanha da crise e valorizar os trabalhadores alemães, tudo isto acompanhado de boa oratória. No vídeo, “o primeiro discurso de Adolf Hitler⁷” consta o seu discurso após ter vencido as eleições. Hitler abordava a vergonha que a nação estava passando, clamando aos alemães para confiar no seu governo em que diz:

Veio um tempo em que a Alemanha se orgulha apenas do passado enquanto no presente sente-se apenas envergonhada. Até quando isto deve continuar? Eu estou convencido que nós devemos agir agora se não agirmos o quanto antes, será muito tarde. Por esta razão, eu decidi em 3 de janeiro com a ajuda do meu partido que começou com 7 membros e agora com 12 milhões para salvar a nação e a pátria. Então, serei eu e seremos todos nós a trabalhar pesado para a ressurreição da nação alemã. Povo da Alemanha dê-nos quatro anos e eu juro que assim como eu tomei posse eu terminarei. E fiz não por recompensa. Eu fiz por vocês (O PRIMEIRO DISCURSO DE HITLER, 1933).

Além de sua boa oratória e persuasão, Hitler sabia o que poderia ser feito para alcançar a massa a qual ele se dirigia. Podemos dizer que só foi possível através de estratégias para alcançar o povo. A propaganda foi a estratégia para sua conquista e, conseqüentemente, o do seu partido.

Na análise do significado da palavra “propaganda”, segundo Calazans (2005, p. 17) “o termo propaganda tem sua origem etimológica no latim *pangere*, plantar. Todo ato de comunicação visa assim plantar uma mensagem no receptor, sob a forma de propaganda”. E foi com esse ato de disseminar uma ideia que Adolf Hitler utilizou a propaganda para que seus objetivos fossem estabelecidos, elevando o nacionalismo extremista, enaltecendo o sangue alemão e a sua soberania, e visando tirar a Alemanha da crise que se encontrava após a 1ª guerra.

⁷ Hitler, em seu primeiro discurso como Chanceler em 30-01-1933. O vídeo pode ser visto no Youtube com legendas em português no link: <https://www.youtube.com/watch?v=BMYrtOx5vfc>

Em seu livro, *Mein Kumpf*, Hitler defendia a propaganda como forma de estabelecer sua ideologia. A palavra propaganda aparece 172 vezes em seu livro. A seguir alguns dos seus pensamentos sobre a importância da propaganda, conforme se lê em passagens do seu livro:

- ✓ Toda propaganda deve ser popular e estabelecer o seu nível espiritual de acordo com a capacidade de compreensão do mais ignorante dentre aqueles a quem ela pretende se dirigir.
- ✓ A quem se deve dirigir a propaganda, aos intelectuais ou à massa menos culta? A propaganda sempre terá de ser dirigida à massa!
- ✓ A vitória de uma ideia será mais fácil quanto mais intensa for à propaganda. (HITLER, 2010, p. 80).

Para que suas ideias fossem alcançadas, era relevante falar com as diferentes camadas sociais, através dos diversos meios de comunicação, o que significaria tornar a propaganda popular e isso alcançaria assim, o objetivo da propaganda ideológica que, conforme Garcia (1982, p. 78), “[...] permite disseminar, para toda sociedade, de forma persuasiva, as ideias de um determinado grupo. A ideologia, dessa forma, se espalha e impregna todas as camadas da sociedade”.

A propaganda possuía grande significado para a doutrina Nazista, visto que o próprio partido instituiu a Câmara de Cultura do Terceiro Reich, em 1933, direcionada por Joseph Goebbels, ministro da comunicação sobre a concessão de Hitler “a Câmara de Cultura do Reich (Reichskulturkammer (RKK)) foi criada por uma lei promulgada em 22 de setembro 1933, permitindo o ministro da Propaganda de organizar os vários ramos das artes e profissões culturais como empresas públicas” (WELCH, 1993, p. 32).

Pode-se dizer que a câmara teve dois objetivos, a saber: o primeiro utilizava tanto a difusão da ideologia nazista, visando enaltecer a supremacia do homem alemão, visto que para a ideologia não havia relevância aos que simplesmente nasciam na pátria germânica, mas sim, os que possuíam o “sangue alemão”, o segundo buscava restringir os meios de comunicação que não compactuasse com sua ideologia.

Entre um e outro esses objetivos tinham em comum junto a câmara, influenciar o pensar dos cidadãos alemães para que eles se tornassem seguidores e adeptos do referido partido e para o efeito de sua difusão as diferentes formas de expressões comunicativas como a arte, música, cinema e literatura seriam meios primordiais para sua influência. No cinema, o efeito da propaganda pôde ser notado no documentário o *trunfo da vontade*, dirigido por Leni Riefenstahl, no qual mostra a viagem de Hitler à Nuremberg, cidade da Alemanha, para o 4º congresso do Partido Nacional-Socialista Alemão (NSDAP) (FARO, 2008). O documentário ficou

reconhecido como o símbolo da propaganda em uma época em que o cinema ainda estava em seu início.

Uma das primeiras cenas do documentário mostra Hitler sendo saudado por crianças, jovens e adultos, todos se reunindo nas ruas com euforia para ver o líder passar no carro aberto em direção ao Hotel Deutscher Hof. Reverência que as análises mostraram ser “espontânea”. Nesta cena um fato curioso chama bastante atenção: uma criança do sexo feminino, aparentando ter em torno dos quatro ou cinco anos, no colo de sua provável mãe, faz a saudação nazista com os braços estendidos ao entregar um buquê de flores à Hitler. Aparentemente um gesto simples e inofensivo, mas que nos propõe uma reflexão para entender a influência do partido e a imagem que Hitler despertava para o povo, como define Faro (2008, p. 1), “[...] o maior dos reis, praticamente um messias [...]”. A seguir, a Figura 1 ilustra o fato ocorrido.

Figura 1. Criança fazendo a saudação nazista

screen do
triunfo da vontade,



Fonte: *Print*
documentário: *O*
1935⁸.

A cena reflete o resultado da influência que a propaganda causou e, ao mesmo tempo, remete o quanto algumas pessoas mostraram-se “simpatizantes” com o nacional-socialismo, ação que já estava sendo repassada à criança, o que pode ser observado através da mãe, Figura 1, que ultrapassa os bloqueios militares para chegar perto do seu “líder” e saudar acompanhado de sua filha. Faro (2008, p. 12) comenta sobre essa passagem de Hitler, que ocorreu em Nuremberg “em solo, ele é recepcionado por milhares de pessoas entusiasmadas, recebe presentes de mulheres e crianças vestidas com roupas típicas alemãs [...]. Não faltam sorrisos, cumprimentos e gentilezas, tanto da parte do povo, como de Hitler”. No documentário é possível perceber a expectativa do povo presente no documentário frente à imagem de Hitler.

O fato de terem crianças “simpatizantes” ocorre porque nos lares familiares e nas escolas as crianças e os jovens recebiam diretamente a ideologia através da propaganda,

⁸ O gesto pode ser visto em 8 minutos e 03 segundos no vídeo, que está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=55mClZlxRjg>>. Acesso em :13 jan. 2016.

fazendo com que desde seus primeiros ensinamentos fossem predispostas a pensar e, conseqüentemente, agir de acordo com o doutrinamento nazista. Entretanto, por se tratar de uma ditadura que estava em ação às crianças mesmo que não concordassem com o sistema nazista tinham que obedecer e segui-la, pois sua educação era voltada para o sistema desde o início da infância.

Em exemplo, as escolas possuíam fotos de Hitler estampadas nas salas de aula, as crianças eram ensinadas a recitar versos como forma de fidelidade ao líder alemão, “cartilhas de beabá básico ganharam uma foto de Hitler, muitas das vezes na companhia de crianças ou como frontispício, ou às vezes ambos” (EVANS, 2014b, p. 307). O ensino objetivou fazer aderentes para a ideologia desde os primeiros anos de vida. Logo, um poema em que crianças eram ensinadas recitar na escola:

Meu Líder! Conheço-o bem e o amo como minha mãe e meu pai. Sempre lhe obedecerei, como faço com meu pai e minha mãe. E, quando eu crescer, vou ajudá-lo como faço com meu pai e minha mãe. E você ficará satisfeito comigo (PINE, 1997, p. 59, tradução nossa).

Nas salas de aula hinos eram cantados pelos estudantes, bandeiras e a foto de Hitler eram penduradas tanto dentro quanto nos pátios das escolas. As figuras abaixo mostram a realidade da educação nazista nas salas de aula⁹. A Figura 2 mostra crianças cantando “Adolf Hitler é nosso salvador, nosso herói”, através do hino “*Hitler ist unser Retter*” e na Figura 3 é mostrado o hino, que está sendo cantado, escrito no quadro, seguido da professora acompanhando a letra.

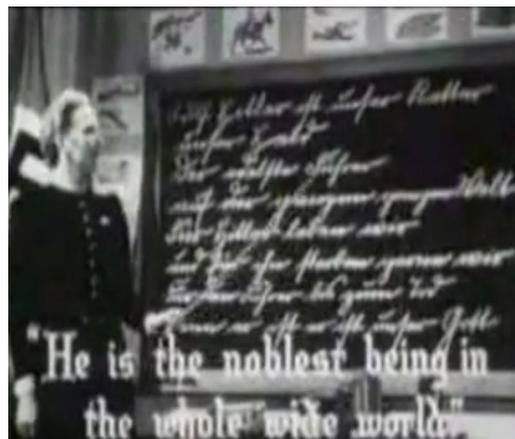
Nesta última imagem (Figura 3), a legenda descreve a seguinte frase que está sendo cantada: “Ele é o ser mais nobre no mundo inteiro”. Note também a bandeira do nazismo atrás da professora.

Figura 2. Classe canta o hino "*Hitler ist unser Retter*" Figura 3. Professora em sala de aula

⁹ A cena pode ser vista em 0:32 segundos do vídeo, que está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H5P_TFqUegU Acesso em :13 jan. 2016.



Fonte: Vídeo: a educação nazista, 193-.



Fonte: Vídeo: a educação nazista 193-.

Mesmo com toda a instrução nazista cedida nas salas de aula, o partido não estava mais confiando apenas na educação escolar para doutrinar os jovens, foi preciso começar a buscar novos meios para influenciar o pensamento da juventude (EVANS, 2014a). Os jovens então tornaram-se alvos da propaganda nazista, devido ao partido acreditar que eles seriam os sucessores da ideologia nazista. Para isto, o partido incumbiu a necessidade de focalizar nos jovens arianos, o que ocasionou na valorização e investimento no novo meio, criando o movimento chamado de juventude Hitlerista (no alemão *Hitlerjugend*), que consistia em doutrinar jovens incessantemente para que virassem seguidores fiéis do nazismo e, conseqüentemente, praticantes ao que a ideologia pregava.

A Juventude de Hitler congregava jovens de quinze a dezoito anos e tinha seus próprios departamentos de cultura e escolas, de imprensa, serviços de propaganda, de 'esportes de defesa', etc., e os jovens de dez a quinze anos eram inscritos na *Deutsch Jungvolk* (FEST, 1977, p. 188).

Hitler, sabendo da força que os jovens possuíam e seus processos intelectuais ainda em formação, considerava que não seria difícil influenciá-los. A história nos remete que realmente isso não foi uma tarefa difícil, ao observarmos as maneiras que o partido adotou para ter os novos seguidores, em vista que a propaganda estava rodeando a vida cotidiana do povo alemão desde a escola até os meios de entretenimento, seja por cinema, música e teatro, todos os entretenimentos faziam parte do dia a dia dos jovens, ou seja, a *psique* deles estava sendo moldada ininterruptamente.

No cinema, Joseph Goebbels determinou aos cineastas que utilizassem os filmes como forma de publicidade, para que as cenas provocassem emoções, entusiasmos e intolerância no cognitivo dos jovens e, conseqüentemente, refletisse em comportamento. Goebbels acreditava que os roteiros dos filmes deveriam reproduzir os ideais de “[...] disciplina, obediência,

camaradagem, heroísmo e subordinação da vontade individual com a de o Führer” (WELCH, 2001, p. 38).

O filme denominado de o jovem hitlerista¹⁰ procurou induzir os jovens para que participassem da juventude hitlerista. O objetivo central do filme era abordar o heroísmo e a fidelidade nazista, seguido do propósito de abordar os comunistas como o inimigo que planejavam acabar com os nazistas. Em linhas gerais, o filme tenta mostrar a ideia de comunista como o “inimigo” do nacional-socialismo, em que possui o intuito de prejudicar o movimento Hitlerista.

O filme proporciona ao telespectador a imagem dos comunistas como causadores das maldades que ocorrem na trama, decorrente da fidelidade de Heini, pela juventude hitlerista, quando este após admirar a juventude Hitlerista sente o anseio de ser um membro, entretanto, para ser admitido no movimento é preciso que ele entregue um segredo dos comunistas e assim o faz.

Por meio do filme, pode-se entender a realidade em que os jovens viviam, sendo doutrinados para a ideologia nazista como “nas salas de aula e nas atividades da Juventude Hitlerista, pois a educação era direcionada para produzir alemães racistas, obedientes e preparados para se sacrificar até a morte pelo Führer e pela nação nazista” (UNITED..., *online*). Em face disso, observou-se que o incentivo ao heroísmo e fidelidade não foi apenas o foco da propaganda através do cinema.

O antissemitismo também foi expressivamente propagado como forma de induzir o ódio contra os judeus. O documentário “o eterno judeu”¹¹ (em alemão *Der ewige Jude*) torna-se o exemplo claro onde os nazistas buscam passar a idéia que esses são os causadores dos

¹⁰ Em alemão, *HitlerjungeQuex*. O filme do gênero drama foi lançado em 1933, com direção de Hans Steinhoff. Destarte, o filme girava entorno do garoto chamado Heini, de 15 anos, que possui um pai simpatizante do comunismo, alcoólatra e que maltrata a mãe de Heini, ainda assim seu pai o obriga a entrar na juventude comunista. Uma cena interessante que o filme tenta incitar é a comparação, entre a juventude comunista Internacional e a Juventude Hitlerista, indicando que o grupo dos comunistas são lascivos e desorganizados. Quando estes aparecem bebendo, fumando, jogando cartas e brigando, buscando transmitir uma verdadeira cena de desordem e desconforto para o telespectador. Em contrapartida, mostra o garoto Heini, insatisfeito vendo essa situação, e buscando se retirar desse meio, indo passear no que parece ser um pequeno bosque, na sua caminhada ouve vozes entoando um hino e busca saber o que se trata. O que acaba encontrando Hitleristas, disciplinados e organizados, entorna de uma fogueira entoando o hino do movimento. Diferente do que ele acabara de ver na juventude comunista. Esta ação do filme acaba ficando evidente a pretensão de passar à idéia de apreciação aos jovens nazistas e condenação à atitude dos comunistas. No transcorrer da trama, os comunistas vendo a fidelidade de Heini, o perseguem e tentam o induzir abandonar a JH, não obtendo êxito, procuram matar o jovem Heini que acaba sendo morto pelos comunistas devido sua coragem e fidelidade à juventude Hitlerista. Sendo proclamado herói no filme.

¹¹ O documentário filmado foi gravado no gueto de Varsóvia, local onde os judeus foram aprisionados pelos nazistas, no qual mostra cenas de ratos nas paredes das casas dos judeus. Seguido de uma narração de fundo. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rgMco9soMos> Acesso em: 13 jan. 2016.

males dos países em que eles “invadem”. Uma cena que retrata essa ideia é quando o documentário buscou comparar os judeus com ratos, como se estes primeiros se alastrassem pela Alemanha, assim como os ratos se proliferam. No documentário a narração diz:

Os ratos espalham destruição à sua volta, estragando os alimentos e a propriedade. Assim disseminam doenças como a peste, lepra, tifo, cólera e disenteria. Covardes e cruéis preferem andar em grandes grupos. De todos os animais são os mais destrutivos e nocivos. Assim também são os judeus e sua mentalidade (O ETERNO JUDEU, 1940).

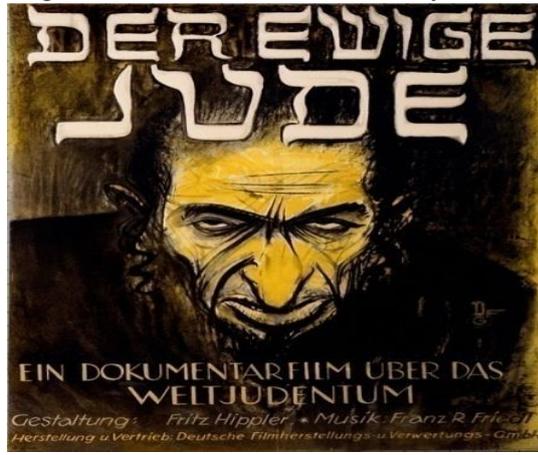
Simbolicamente as cenas estavam, mesmo que indiretamente, incentivando o desprezo do telespectador em relação ao judeu. Os detalhes para a propagação do antissemitismo não apenas ocorreram nas cenas, mas também no cartaz do filme, que subliminarmente estampa o desenho de um judeu com traços que lembram os pequenos roedores muito citados nas cenas.

As figuras 4 e 5, mostram os cartazes de ambos os filmes citados, trazendo suas respectivas frases e que nos revelam a importância dos detalhes na propaganda, desde frases até a imagem estampada:

Figura 4. Cartaz do filme jovem hitlerista



Figura 5. Cartaz do filme o eterno judeu



Fonte: German Films Poster Collection, 1933. Fonte: United State Holocaust Memorial Museum, 2016.

Os filmes anteriormente citados são exemplos de propagação de dois extremos: o nacionalismo e o preconceito que a propaganda utilizou, através de filmagens. Conquanto, existiram outros filmes e documentários que incitavam o pensamento ideológico do nazismo.

Valorizar o nazismo, incentivar os seguidores e alcançar mais adeptos foi objetivo quando Goebbels a usou. O que não podemos negar é que foi a partir da propaganda que o nazismo passou a conquistar muitos seguidores.

4 O nazismo e as doze teses Alemães

Efetivamente os efeitos da propaganda causaram a intolerância contra as minorias como grupos perseguidos, entre eles os judeus, ciganos, homossexuais e testemunhas de Jeová¹². No entanto, muito se tem abordado quando se discorre a história do nazismo, sobre Hitler, sobre aqueles que não faziam parte da ideologia pregada pelo nazismo, referência ao Holocausto e aos demais grupos perseguidos.

Contudo, a perseguição não foi apenas contra o ser humano, mas também contra objetos, isto quer dizer contra obras realizadas por mentores que não pactuavam ou que não faziam parte da ideologia nazista. O escritor Thomas Mann (2009) descreve com propriedade essa realidade, quando por não concordar com o movimento nazista que estava se difundindo pela Europa teve uma de suas obras censuradas e esta foi uma amostra do que viria a ocorrer um ano depois com as demais obras que desafiassem o Estado ditatorial.

Desta forma, o referente escritor faz menção à situação:

Quando eu passava uma temporada às margens do Ostsee, no verão de 1932, recebi um pacote pelo correio do qual, quando o abri, saíram cinzas pretas, papel carbonizado. O conteúdo era um exemplar queimado, apenas reconhecível, de um livro meu, o romance *Os Buddenbrooks* – mandado a mim pelo proprietário como punição por eu ter expressado publicamente meu horror diante do infortúnio nazista que se aproximava (MANN, 2009, p. 139).

Em face da influência que o nazismo subsidiou na sociedade alemã, cada vez mais adeptos foram surgindo em favor da ideologia pregada. O que para o ministro da cultura, Joseph Goebbels, tornou-se ato satisfatório em estar fazendo do seu objetivo uma realidade. Diante desse fato, para os nazistas, havia chegado a hora de usar de sua popularidade para efetivar sua intolerância. Desta vez, com o apoio dos novos adeptos que contribuíram diretamente para um dos atos que marcam a chegada do nazismo ao poder.

Um ano após o episódio citado, ocorrido com Thomas Mann, a União Nacional dos Estudantes¹³ instituiu o início da intolerância contra o conhecimento, especificamente com os

¹² Em menção a esta afirmação o relato da sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz, Eva Schloss, em entrevista à *Globo News* quando indagada pelo jornalista sobre a seguinte pergunta: Qual resposta você daria a um adolescente brasileiro que lhe pedisse uma explicação do que foi o holocausto? Eva Schloss propriamente responde “O holocausto foi o resultado da propaganda nazista e do ódio infundado contra uma minoria, especialmente os judeus, mas muitos outros grupos foram condenados á morte [...]”. Entrevista concedida ao Jornalista, Geneton Moraes Melo, para o programa "Dossiê Globo News". O vídeo pode ser procurado no Youtube com o título: Entrevista com Eva Schloss ou se visto através do *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=JQbDBF-Dscs>

¹³ “[...] organização estudantil ligada ao partido nazista, e ao ministério da propaganda, sob a liderança do ministro Joseph Goebbels [...]” (CORNELSEN, 2009, p. 23).

livros. Impulsionados pelo espírito do nacional-socialismo a organização estudantil emitiu, no dia 13 abril de 1933 doze teses¹⁴, intituladas “contra o espírito não alemão¹⁵” (TRESS, 2003, p. 132). As teses tinham como justificativa limpar a Alemanha de livros que não correspondiam aos ideais do nacional-socialismo. Nas teses, poderiam ser observados dois pontos do extremismo em relação às obras literárias.

De um lado a literatura alemã era valorizada como suprema para a preservação da tradição alemã. A 1ª (primeira) questão que corresponde às teses equivale: “a Língua e literatura são as raízes de uma nação. É de suma responsabilidade do povo alemão, assegurar que a sua língua e literatura seja a expressão pura e autêntica de suas tradições culturais” (SAREMBA, 2009, p. 27, tradução nossa). Contudo, a valorização literária não veio isolada apenas com seu espírito nacionalista, mas trouxe a disparidade com as demais obras que não faziam parte da normativa literária alemã.

Em contrapartida, a tese serviu para instalar o preconceito contra as literaturas consideradas estrangeiras, especialmente as de origens judaicas, em razão de muitos judeus na Alemanha nazista serem natural da função de escritores e editores.

Do mesmo modo, as obras de autores judeus reconhecidos circulavam pela sociedade germânica, isto é, para os extremistas nazistas esta questão ocasionava a perda da identidade germânica. O empresário Henry Ford, em seu livro ‘O judeu internacional’ reporta justamente a aplicabilidade crescente dos judeus nas esferas livres. Quando supõe que, “um censo moderno daria seguramente, como resultado, um aumento muito considerável [dos judeus] nas carreiras acadêmicas literárias [...] os jornalistas judeus representam também uma força muito espalhada onipotente” (FORD, 1989, p. 12).

Por meio da 2ª (segunda) tese é perceptível a indignação dos nacionais socialistas diante da situação literária em que se situava a Alemanha, quanto a ela proferiu que: “atualmente, há um grande rompimento entre a literatura e a tradição alemã. Esta situação é uma vergonha” (SAREMBA, 2009, p. 27). Esta posição para a organização estudantil alemã depreciava a cultura germânica e, a partir disto, o povo alemão instituiu a 2ª tese como o dever de preservar a tradição literária. Na 3ª (terceira) tese se dizia: “é de sua responsabilidade a “pureza da língua e da literatura alemã”! A nação confiou-lhe o dever de preservar fielmente seu idioma” (*Ibidem*, p. 27). Situava-se deste modo, convocando para a luta contra a literatura estrangeira. Atenta-se em dizer que nas teses ficavam evidente as abordagens sobre o preconceito em relação aos escritores estrangeiros, quando que literalmente as teses se direcionaram aos que “prejudicavam” a tradição do povo alemão com suas obras.

¹⁴ Conforme é possível verificar no “Anexo A” deste trabalho.

¹⁵ Em alemão: *wider den undeutschen Geist!*

Em menção, a 4ª (quarta) tese estabelecia que “nosso inimigo mais perigoso é o judeu e qualquer um que submeta a ele” (*Ibidem*, p. 27). Assim, a 4ª tese se delimita, se voltando para a luta da valorização da cultura, língua e pátria da educação alemã. Essas delimitações começaram a ser referenciadas no Estado do Reich. Por conseguinte, a censura foi pronunciada e exigida no que se refere a 7ª (sétima) tese em que as bibliotecas, a partir de então, estavam proibidas de possuir em seus acervos obras estrangeiras e as que faziam menção contra a ideologia nazista. A união dos estudantes alemães foi clara e objetiva em seus discursos de campanha, quando falavam em relação à posição das bibliotecas contra o espírito não alemão.

Por isso exigimos a Censura: Escritos judaicos deverão ser publicados em hebraico. Se eles aparecem em alemão, devem ser identificados como traduções. As mais fortes ações contra o abuso da escrita alemã. A escrita alemã só está disponível para os alemães. Obras em alemão só estão disponíveis para os alemães. **Os espíritos não-alemães devem ser erradicados de bibliotecas públicas** (SAREMBA, 2009, p. 27, grifo nosso).

Ao mesmo tempo em que eram difundidas as 12 Teses pela sociedade alemã, os nazistas assumiam o controle da indústria editorial alemã e das bibliotecas, também passando a fazer “treinamentos” em relação ao exercício profissional dos bibliotecários e livreiros (KNUTH, 2003, p. 89). Por toda a sociedade alemã a atenção dos nazistas era redobrada nos acervos das bibliotecas e também sobre os bibliotecários que trabalhavam frente à disseminação dos serviços nas bibliotecas Alemães.

O treinamento consistia mais como um processo de opressão do que capacitação, uma vez que foram designados a realizar as adaptações nazistas nas políticas das bibliotecas (KOCH, 2003, p. 65). Com isso, os profissionais bibliotecários ficavam entre obedecer à ditadura e a trabalharem, na medida do possível, tranquilamente ou resisti-la, o que acarretaria em demissões e perseguições, haja vista que os objetivos de nazificação¹⁶ não ficaram apenas em treinamentos dos bibliotecários, o partido nazista se incumbiu de possuir seu próprio marco legal para ocupar a Direção da agência central das bibliotecas alemãs, em Berlim.

Logo, a responsabilidade do cargo foi dirigida ao bibliotecário, Dr. Wolfgang Herrmann¹⁷, que passou a determinar a política de seleção, isto é, o que deveria ser aquisição ou descarte de livros nas bibliotecas alemãs. Corresponhia que os bibliotecários tinham o

¹⁶ O termo surge a partir do conceito de unificação que corresponde a todas as coisas como único objetivo. E nisso entra o termo, nazificação, como forma de estabelecer o objetivo de influência em todas as esferas da sociedade alemã.

¹⁷ Alemão nascido em Alsleben, formado em história moderna pela universidade de Munique em 1928. Trabalhou na biblioteca pública de sua cidade natal e da cidade de Stettin (ACADEMIC, online). Simpatizante das questões políticas nacionalistas entrou para o partido nazista em 1931 “tornando-se em 1933, Diretor da Agencia Central das bibliotecas alemãs em Berlim” (ACADEMIC, online, tradução nossa).

dever “[...] de fazer a seleção na literatura alemã, para organizar e, depois, como interesse principal, introduzir o leitor ao livro e educá-lo ideologicamente” (KOCH, 2003, p. 59).

Sobre este intuito, Wolfgang Herrmann elaborou duas listas (branca e negra), ambas continham conteúdos distintos, mas que também traziam um único objetivo: o de reeducar a sociedade alemã através dos livros, sendo a lista negra¹⁸ referenciada com o ato da censura com o slogan da “lista de escritos nocivos e indesejados”.

Desta forma, referente à primeira lista, chamada de lista branca (*em alemão Weiße Listen*), Wolfgang Herrmann suscitou nomes de autores que traziam a abordagem nazista em suas obras e que deveriam ser adquiridos pelas bibliotecas como forma de propagar a ideologia nazista, através de seus acervos. Com isto, a lista branca teve como objetivo “orientar aquisições da biblioteca para “purificar coleções”, manter a pureza e controle das publicações, e expandir o acesso a materiais “saudáveis” através da construção de mais bibliotecas” (KNUTH, 2003, p. 89). A segunda lista é a que podemos referir como o marco da intolerância contra os diversos tipos de conhecimento e que traz a ação nomeada no título desta pesquisa, a censura.

Portanto, a segunda lista nos apresenta a percepção do extremo abuso no que se refere a quem toma a responsabilidade pela política de seleção e seus efeitos prejudiciais. A denominada lista negra (*em alemão schwarze liste*) veio com o objetivo de estabelecer a “limpeza” de obras consideradas nocivas para a tradição alemã, isto é, obras que não pertenciam à identidade de uma verdadeira cultura alemã. Todavia, Wolfgang Herrmann julgava que determinadas obras inferiam nos acervos, assim compilou a lista com o nome de autores e obras e entregou para a burocracia pública, privada e aos representantes dos estudantes, para que ocorresse a queima dos livros (SAUER, 2014, p. 224). Já influenciados pela propaganda nazista, certamente, os estudantes foram um dos participantes mais devotos que compactuaram a favor da lista de escritos nocivos e indesejados.

Com a propagação da lista a trama sobreveio na atitude de estudantes caçarem livros em bibliotecas públicas, universitárias e livrarias. O episódio resultou nas atitudes dos estudantes recolhendo livros e os entregando para os carros arranjados que tinham como dever receber a entrega dos livros marginalizados pela nazificação.

A atitude também contou com os membros do partido, os chamados “camisas pardas”, que fizeram do mesmo modo o recolhimento dos livros, descrevendo o comportamento dos estudantes que invadiram as bibliotecas. Báez (2004, p. 172) ressalta que os “[...] membros da Associação de Estudantes Alemães se acotovelaram na biblioteca da Universidade Wilhelm von

¹⁸ Conforme é possível verificar no “Anexo B” deste trabalho.

Humboldt e começaram a recolher os livros proibidos. Havia uma euforia inesperada, contagiante”. Abaixo aponta-se as fotografias que embasam o episódio com os atos e as maneiras como eram saqueadas as bibliotecas.

Figura 6. Saqueando os livros do Instituto Hirschfeld¹⁹ Figura 7. Livros recolhidos em carrinhos



Bibliothek Verbrannte Bucher, 1933.
<http://www.buecherverbrennung33.de/bild7.ht>

Fonte:



Fonte: Bundesarchiv (Arquivo Federal Alemão),1933.

Após o saqueamento dos acervos nas bibliotecas foram dadas iniciativas para o ato fatídico de maio de 1933. O acontecimento que viria a ser denominado de *bücherverbrennung* (queime os livros) teve como objetivo lançar as obras recolhidas dos acervos das bibliotecas e

¹⁹ Instituto de Ciência Sexual, localizado em Berlim. Fundado pelo Médico, Hirschfeld, que defendia a descriminalização dos direitos dos homossexuais. Membros de apoio ao nazismo invadiram seu acervo “Em 6 de maio de 1933, tropas nazistas atacaram e saquearam o Instituto de Hirschfelds de pesquisa sexual destruindo seus arquivos” (HIRSCHFELD ..., *online*).

praticar ato repressivo, jogando livros em meio à fogueira. Partindo para o princípio metafórico o calor do fogo simbolizava o instinto revoltoso daquela noite.

5 O “*bücherverbrennung* e a Censura”

Livros em meio às cinzas e o calor do conhecimento sendo extirpado ocorreram em diversas praças das cidades alemãs, sendo concluinte ao estimado evento a intimação de que deveriam ser praticados atos de destruição naquele 10 de maio.

Em 10 de maio de 1933, os estudantes alemães organizaram um “ato contra o espírito não alemão” em 19 cidades universitárias do País. Compilaram uma lista de livros “não alemães”, pegaram-nos em todas as bibliotecas que conseguiram encontrar, amontoaram-nos em praça pública e atearam fogo (EVANS, 2014b, p. 513).

Pesquisas históricas como de Dowe (2003, p. 17), Bock (2003, p. 74) e Báez (2004, p. 180) informam em seus estudos o número de aproximadamente 20 a 25 mil livros queimados em toda Alemanha. Um número, até então, conceituado que nos faz refletir sobre a deficiência que os saques e os descartes podem ter causado para a diversidade dos acervos.

Ressalta-se que a sociedade germânica não ficou em defasagem ou na insuficiência de livros, pelo contrário, a produção de obras aumentou em massa. Cornelsen (2009, p. 24) aborda que durante a ditadura nazista “foi posto em prática uma política de popularização literária como parte das estratégias de “indoutrinação” da população alemã (...) obras foram editadas e distribuídas, com números de edições elevadas”. Por conseguinte, um dos locais com grande queima de livros ocorreu na Praça Opernplatz, em Berlim. A praça foi escolhida justamente por nela estar localizada a biblioteca associada da universidade de Humbolt, a qual contou com a presença do ministro Joseph Gobbels, que entoou um discurso antes da queima de livro:

A época extremista do intelectualismo judeu chegou ao fim e a revolução da Alemanha abriu as portas novamente a um modo de vida que permita chegar à verdadeira essência do ser alemão. Suas bibliotecas foram inundadas pelo lixo e pela corrupção do asfalto literário dos judeus, portanto, vocês agem corretamente quando, a esta hora da meia-noite, entregam às chamas o espírito diabólico do passado (BÁEZ, 2004, p. 180).

A partir deste discurso começaram a submergir livros sobre a imensa fogueira. A pesquisa consultou o vídeo²⁰ *Berliner Opernplatz*, que reporta ao dia da queima de livros, onde as cenas refletem a indiferença dos alemães jogando os livros em meio à fogueira,

²⁰ O vídeo pode ser assistido no youtube pelo título de: Joseph Gobbels 10. maio 1933. *Berliner Opernplatz*. E pode ser encontrado no link, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xThYRbsQ888>>.

demonstrando a certeza de que o povo alemão aspirava em ficar livre de tudo que não condizia com sua ideologia.

Ao analisar este fato, pode-se perceber que o fogo, pela primeira vez, simbolizava a atitude futura dos nazistas, o que nos remete a um acontecimento relatado no *Best seller* “A menina que roubava livros”, cujo drama o autor Zusak (2004, p. 72) faz uma ironia que não deixa de ser fato, de que “[...] os alemães adoravam queimar coisas. Lojas, sinagogas, Reichstags, casas, objetos pessoais, gente assassinada e, é claro, livros. Adoravam uma boa queima de livros - com certeza”.



O dia de 10 de maio foi comemorado pelos livros indesejáveis, sendo eles vítimas da ação *bücherverbrennung* (queime os livros). Após alguns anos, a história nos mostra um olhar reflexivo, aonde os nazistas chegaram ao limite de seu espaço com a sua ideologia de purificação. A seguir, nas figuras abaixo alguns registros da queima de livros na noite de 10 de maio de 1933.

Figura 8: Joseph Gobbels discursando

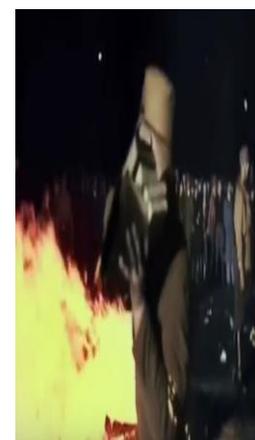
Figura 9. Lance do livro em meio à fogueira

Fonte: Vídeo, BerlinerOpernplatz, 1933.

Fonte: Vídeo, BerlinerOpernplat, 1933.

Figura 10. Jovem lançando o livro

Figura 11. Membros da União dos Es



Na fogueira foram lançadas obras de autores memoráveis como Sigmund Freud, a justificativa é de que suas obras eram “exagero degradante da natureza animal” (EVANS, 2014, p. 515). Obras de Karl Marx, Friedrich Engels foram alvos da censura com *slogan* de ataque “contra a luta de classes e o materialismo, pela comunidade Nacional”. (*Idem.*, *ibid.*) e também as obras de Heinrich Mann, por serem “contra a decadência e o declínio moral”, assim como Albert Einstein, Thomas Mann, Heinrich Heine.

A queima de livros feita pelos nazistas reporta ao resultado da prática de intolerância sobre o não saber respeitar o diferente, sobre o não saber considerar o ideal do oposto. A Alemanha do século XX englobava a diversidade em sua sociedade, vemos os nomes de autores que foram lançados à fogueira, autores de cunho da psicologia, literatura, filosofia, mas que devido as suas diferenças de crença ou ideologia vista pelos nazistas foram censurados pelo seu totalitarismo, que não aceitava que o ideal oposto se perpetuasse. Este



contexto se constitui sobre o que Adorno (2000, p. 155) nomeia de barbárie:

Entendo por Barbárie [...] que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo particularmente disforme em relação a sua própria civilização [...] por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo [...] um impulso de destruição, que contribuiu para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás, uma tendência imanente que a caracteriza.

Pode-se entender que a barbárie ocorre pelo atrelamento culminante de um indivíduo com uma ideologia²¹, quando o “Eu” busca colocar suas formas máximas, frente às ações.

²¹ “[...] conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas e visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais e, principalmente, políticas” (CHAUÍ, 2001, p.11).

Stiner (2004, p. 137) diz: “eu só estou preocupado em ver se uma coisa me serve e me satisfaz os sentidos”. E com isso torna-se capaz de praticar atos contra terceiros que não compactuam com o mesmo sistema de ideias, o princípio da barbárie, palavra que em suas entrelinhas podemos encontrar termos que trazem vestígios de uma censura como o impulso de destruição, agressividade primitiva e o atraso.

Características foram encontradas na prática da queima de livros pelos nazistas, que atrelados na questão ideológica do sangue, da raça como pura, o seu narcisismo o seu “eu” como centro do universo tomaram as medidas para a destruição dos livros.

Entretanto, a situação de “pureza alemã” não ficou somente restrita aos livros que foram examinados e aos seus autores que não puderam mais ter suas obras divulgadas e propagadas na Alemanha do Terceiro Reich. Os bibliotecários também passaram pela seleção de repressão e imposição da ideologia nazista para que pudessem exercer sua profissão.

A seleção de exclusão dos profissionais se deu por oposição, quando eles não se faziam parte da “raça ariana” ou por pela resistência contra o Estado Hitlerista, o que cominava para bibliotecários a aposentadoria, forçadas demissões e até mesmo deportações a campos de concentrações, devido as resistências ao regime.

O historiador e bibliotecário, Edmund Groag, trabalhava na biblioteca nacional de Viena desde 1903 e em 1921 foi nomeado chefe do departamento de catalogação da coleção de documentos desta biblioteca (OESTERREICHISCHE..., 2013, não paginado). Sua permanência ali se tornou impossível quando os nazistas tomaram o domínio da Áustria e se vincularam ao governo Alemão.

Edmund Groag recebeu a ligação do secretário da classe filosófico-histórica, notificando sobre sua demissão. Wachtel (2012, p. 149) assim notifica “de grande pesar devo informá-lo que o Professor Edmund Groag (Viena) não é ariano [...] e que não será possível permanecer trabalhando frente à academia anualmente”. Após sua demissão, Groag passou a viver em condições precárias até o término do regime. Pouco depois do término da guerra e libertação de Viena, Edmund Gorag ficou gravemente doente e morreu em agosto de 1945, no Hospital Judeu em Malzgasse (OESTERREICHISCHE..., 2013, não paginado).

Bibliotecários considerados arianos pelo regime nazista também foram alvo de perseguições, devido à resistência em não aderir à ideologia, a exemplo do Alemão Philipp Schaeffer, que exercia a função de sinólogo e bibliotecário, trabalhava na biblioteca Adalbertstrasse do distrito de Berlim, em Mitte. Nos tempos que exercia seu papel profissional na biblioteca, Schaeffer administrava a sala de leitura e com a aquisição das valiosas coleções de ciências sociais e sua dedicação na catalogação a biblioteca tornou-se uma das melhores de Berlim no assunto (SEEMANN, 2014, sem paginação).

No entanto, devido ao seu posicionamento político, Schaeffer, que possuía ideologia comunista “foi demitido devido sua atividade política” (COPPI, 2005, p. 375). O comunismo na época da Alemanha nazista passou a ser ilegal, contudo, Schaeffer não renunciou suas ideologias e acabou sendo preso novamente em 1934, agora para esclarecimento político.

Entretanto, assim que o nazismo avançava a situação tanto para os resistentes quanto para os de oposição foram ficando mais difíceis. Schaeffer teve a oportunidade de se redimir, dessa vez em 1935, agora de uma forma totalmente diferente das outras.

Na abordagem de Seemann (2014, *online*), discorre que Schaeffer “em março de 1935, é preso, pela terceira vez, e condenado a cinco anos de prisão na penitenciária Luckau, 80 km ao sul de Berlim”. Passados os cinco anos que viveu preso foi solto e na situação que tentava ajudar um casal judeu foi pego e condenado à traição, sendo executado na prisão Plötzenseeem, em 13 de maio de 1943.

Em memória a Philipp Schaeffer, a biblioteca em que trabalhou, Berlim-Mitte, mudou de nome em 1952 e foi nomeada como Biblioteca do Distrito Philipp Schaeffer, em sua memória. Esses acontecimentos nos trazem a reflexão sobre o valor que os nazistas atribuíram aos livros e às bibliotecas e até para com os bibliotecários. Valor que, até então, pode não estar de forma direta em pronúncias ditas pelos nazistas, mas que perante suas atitudes de repressão deixa-nos sugestivo que eles sabiam efetivamente da importância de que os livros, a diversidade do conhecimento e o seu acesso são capazes de propiciar para uma nação, o que resultou justamente em suas atitudes de repressão, que se caracteriza:

Como um dos mais comuns mecanismos de defesa do ego, consiste em afastar uma determinada coisa do consciente, mantendo-a a distância – no inconsciente- manipulando o conflito, impulsionando a competição, tendências a atos que constitui uma ameaça é imagem que fazemos de nós mesmos (SILVA, 2010, p. 3).

Neste contexto, analisou-se que as repressões dos nazistas ocorreram devido a sentirem-se “ameaçados” pelo conhecimento que a diversidade científica e a heterogeneidade que os escritos proporcionariam, o que resultou em preocupações para com as bibliotecas, ocasionando em seu extremo controle e na erradicação dos livros. Em um partido que é considerado um dos mais radicais e ambiciosos é interessante analisar sua vulnerabilidade diante de um objeto, digamos esteticamente inofensivo, mas que internamente é capaz de provocar grandes mudanças.

6 Considerações finais

Ao pesquisar sobre os indícios da censura na história do regime do Terceiro Reich Alemão. O estudo considerou que o poder ditatorial alemão não se sentia apenas ameaçado

com inimigos de campo de batalha, tanques de guerra ou adversários políticos. A guerra e a dominação percorreram também contra o saber e o conhecimento, através de estratégias de controle que originaram em ações de censura informacional.

Os registros históricos mostraram informações de frieza, crueldade e da barbárie praticados por aqueles que por crença e ideologia extremas buscaram censurar informações que não correspondiam aos seus interesses.

Ao mesmo tempo em que foram analisados os registros informacionais, alvos de perseguição política e ideológica, percebeu-se também que, as informações veiculadas pelas propagandas nazistas foram um dos métodos mais utilizados para manipular a sociedade Alemã. Analisou-se que o problema não estava unicamente nas informações veiculadas, mas sim sobre sua produção e teor informacional.

Considerando que a censura ocorria no regime alemão pelo fato de circularem informações não direcionadas para o interesse do poder. Exemplo visto no nazismo, que direcionou toda a sua educação para sua única ideologia, mas que exterminou conhecimentos que foram contrários ao seu teor político e ideológico.

A censura mostra-se presente quando o interesse pessoal se torna abusivo. O egoísmo é uma das ações principais que resultam na prática da censura, pois, procede em querer decidir o que outro deve ver, ler ou ouvir. Este egoísmo dominador foi encontrado em Joseph Goebbels, respectivamente, nos regimes político alemão, a qual fazia parte, pois, este tinha a responsabilidade sobre as informações e usou deste encargo para dificultar e limitar as informações, respectivas características que fomentavam a prática de censura.

A pesquisa em seu procedimento vem contribuir para o resgate da memória dos bibliotecários alemães, que no exercício das suas funções, foram perseguidos pela barbárie nazista e, ao mesmo tempo cativos pela rigidez deste regime em realizar suas funções de disseminadores do conhecimento, mas que, sobretudo perfazia o interesse alemão, em que os regiam com a finalidade de manipular o livre conhecimento.

Desta maneira, o resgate que esta memória histórica traz, sobretudo das proibições tanto do acesso ao conhecimento a livre expressão e os condicionamentos que os bibliotecários vivenciaram. Permite-nos refletir as dificuldades que estes profissionais traçaram nesta época sombria da história. Quando “não obedecer”, estava diretamente vinculado a penalidades, opressões, violência e mortes.

É importante não apenas ficarmos presos ao passado, lembrando isoladamente destes acontecimentos, mas examinar genealogicamente do ontem para o hoje, a influência de opressões, perseguições e condicionamentos existentes no fazer bibliotecário e nas unidades de informações, bibliotecas, arquivos, centros de documentação, centros culturais etc. O que

para nós é importante entender a partir das narrativas históricas, que a censura ainda se faz presente e que esta não está isolada no tempo, nas ações de regimes ditatórios, não só se mostra de maneira explícita, como também surge de maneira implícita, isto é, (velada) em diversas situações a qual envolve o saber informacional.

Com efeito, a pesquisa chegou à guisa considerativa de que como profissionais da informação, juramentados na liberdade da investigação científica e na dignidade da pessoa humana, temos a responsabilidade e compromisso de lutar para que este juramento não fique só na teoria mas que ele recorra para a prática do nosso cotidiano nas bibliotecas para evitar que o terror do passado de censura informacional volte a encontrar abrigo no disseminar informacional nas bibliotecas como foi o caso da ação *bücherverbrennung* (queima de livros) que envolveu as bibliotecas alemães.

Assim, cabe para Ciência da Informação a cooperação de mais estudos que abordam sobre a temática da censura, ainda pouco desenvolvida, sobretudo a continuação dos estudos de Vergueiro (1987) sobre a designação sobre o que é errado, perigoso ou prejudicial no que se refere sobre que deve ou não está em circulação na sociedade, parte do interesse de indivíduos que segundo Vergueiro (1987, p. 24) utiliza de seus próprios “[...] preconceitos pessoais concepções políticas, religiosas, econômicas ou estéticas” para infringir na liberdade de escolhas de outrem que pensam de forma diferente.

A existência da censura à informação prova por vias travessas que não há informação neutra, seja pela diretriz de forma historiográfica ou em suas vertentes atuais, reverbera, mais indagações em seu contexto para ser interpretada e analisada com teor das visões críticas e interpretativas, a qual vem contribuir para estudos da linguagem sobre o campo dos assuntos que envolvem as fronteiras da censura, acesso informacional e o seu fazer profissional. No entanto, vale enfatizar que a prática da censura não é exclusividade apenas do governo, mas também de organização, grupos ou indivíduos que pretendem evitar que as pessoas leiam, ouçam ou vejam o que pode ser considerado perigoso para o governo ou que prejudique a moralidade pública (VERGUEIRO, 1987).

Como todo, sugere-se que sejam lembrados e discutidos a história de certos acontecimentos dos livros e das bibliotecas, as opressões que o regime ditatorial alemão se lançou contra as informações e o conhecimento. Contudo, essas explorações propiciam desenvolver novas propostas de pesquisas, para futuras explorações de estudo sobre a censura, o poder velado e suas relações de repressão no Brasil, sobretudo em contextos atuais, além de explorar um espaço para investigações relativas à informação e à memória dos registros do conhecimento no campo da Ciência da Informação, História e outras matrizes que empoderam, multiplicam e possibilitam o conhecimento das narrativas.

Referências

ACADEMIC dictionaries and encyclopedias. **Wolfgang Herrmann (Bibliothekar)**. Disponível em: http://de.academic.ru/dic.nsf/dewiki/1524485#cite_note-0 Acesso em: 07 ago. 2015.

ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Trad. de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Edirouro, 2004.

BAUER, Kurt. **Die drei Nürnberger Gesetze vom 15. September 1935 (und Durchführungsverordnungen)**. Disponível em: http://www.kurt-bauer-geschichte.at/PDF_Lehrveranstaltung%202008_2009/13_Nuernberger_Gesetze.pdf Acesso em: 17 jan. 2016.

BOCK, Sigrid. Geglüht und gehärtet? Zu Funktionen und Folgen der Bücherverbrennung 1933. In: BIRCKEN, Margrid; PEITSCH, Helmut. **Brennendebücher**: Erinnerungen an den 10. Mai 1933. Brandeburgo: Brandenburgische Landeszentrale, 2003. Disponível em: www.politische-bildung-brandenburg.de/publikationen/pdf/brennende_buecher.pdf Acesso em: 25 jan. 2015.

CAETANO, Tiago Lemanczuk Fraga. Meikampf e o ideário nazista. **Consilium Revista Eletrônica de Direito**, Brasília, v. 1, n. 4, maio/ago. 2010. Disponível em: www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/consilium_04_01.pdf Acesso em: 31 jan. 2016.

CALAZANS, Flavio. **Propaganda subliminar multimídia**. São Paulo: Summus, 2005.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. **Revista USP**, São Paulo, n. 26, jun./jul./ago. 1995. Disponível em: www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28150/29961 Acesso em: 25 mar. 2016.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

COPPI, Von Hans. Philipp Shaeffer: orientalist, bibliothekar, windrstandskanpfer. In: STEINBACH, Peter; WEBER, Hermann. **Internationale wissenschaftliche Korrespondenz zur Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung**. Berlim: Otto-Suhr-Institut für Politikwissenschaft, 2005.

CORÇÃO, Gustavo. **Patriotismo e nacionalismo**. Rio de Janeiro: Presença, 1950.

CORNELSEN, Élcio Loureiro. Os descaminhos da poesia a serviço do nazismo. **Revista Contingentia**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, nov. 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/10173/6773> Acesso em: 03 fev. 2015.

COUTO, Sergio Pereira. **Os segredos do Nazismo**: vol. 1. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

DEZORDI, Lucas Lautert. **Fundamento de Economia**. Curitiba: IESDE Brasil, 2010.

DOWE, Dieter. Vorwort. In: BRUNNER, Detlev; GRAF, Angela; STANG, Erhard; ZIMMERMANN, Rüdiger. **Verbrannt, geraubt, gerettet! Bücherverbrennungen in Deutschland**. Berlim: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2003.

EVANS, Richard J. **A chegada do Terceiro Reich**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014a.

EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich no poder**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014b.

FARO, Ana Elisabeth Rodrigues. O triunfo da Vontade: o cinema a serviço da ideologia. **O olho da História**, n. 11, dez. 2008. Disponível em: <http://dl.docslide.com.br/download/566a0758cf0fb972bba4743fb749b4428e24018b8017504c0990182f41873e24ec5a65e96979fa4a4d60276046da62309f64638fcc4dc994a681591b02b31a92hXSyXZjUcarDPkGbPOrcOZuM1tOZt5ai1s8UjcX0HbLh9fBgzvvyEnJmSVULhmX0H> Acesso em: 25 mar. 2016.

FEST, Joachim C. **Hitler**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976. Coleção Os Ditadores que abalaram o Mundo.

FORD, Henry. **O judeu internacional**. Porto Alegre, RS: Revisão, 1989.

FRIEDLÄNDER, Saul. **Nazi Germany and the Jews, 1933–1945**. New York: Harper Perennial, c2009.

GARCIA, Nelson Jahr. **O que é propaganda ideológica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HIRSCHFELD, Eddy Stiftung. **Dr. Magnus Hirschfeld (1868-1935)**. Berlim: [s.n]. Disponível em: www.hirschfeld-eddy-stiftung.de/en/foundation/about-us/names/magnus-hirschfeld/ Acesso em 15 ago. 2015.

HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. Santa Catarina: Clube de Autores, 2010.

KNUTH, Rebecca. **Libricide: The regime-sponsored destruction of books and libraries in the twentieth century**. Westport, Conn.: Praeger, 2003.

KOCH, Christine. **Das Bibliothekswesen im Nationalsozialismus: eine Forschungsstandanalyse**. Marburg: TectumVerlag, 2003.

LIMA, Alceu Amoroso. **O existencialismo e outros mitos do nosso tempo**. Rio de Janeiro: Agir, 1956.

MANN, Thomas. **Ouvintes alemães!:** discursos contra Hitler (1940-1945). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

OESTERREICHISCHE Akademie der Wissenschaften. **Gedenkbuch für die Opfer des Nationalsozialismus an der Österreichischen Akademie der Wissenschaften**. 2013. Disponível em: www.oeaw.ac.at/online-gedenkbuch/gedenkbuch/personen/a-h/edmund-groag/ Acesso em 24 ago. 2015.

PINE, Lisa. **Nazi Family Policy, 1933-1945**. New York: Berg, 1997.

RODRIGUES, Luiz César B. **A primeira guerra mundial**. 4.ed. São Paulo: Unicamp, 1988.

SAREMBA, Katharina. **Wider den undeutschen Geist**. 2009. 172 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade de Viena, Áustria, 2009. Disponível em: http://othes.univie.ac.at/5552/1/2009-06-22_9803973.pdf Acesso em: 25 mar. 2016.

SAUER, Von Christine. Unsere Stadtbibliothek hat schon gründlich ausgemistet. **Bibliotheksforum**, Munique, v. 3, n. 8, 2014. Disponível em: www.bibliotheksforum-bayern.de/fileadmin/archiv/2014-3/PDF-Einzelbeitraege/BFB_0314_12_Sauer_V03.pdf Acesso em: 11 ago. 2015.

SEEMANN, Von Till. **Von den Nazisenthauptet**: Der aufrechte Philipp Schaeffer .2014. Disponível em: www.uni-heidelberg.de/studium/journal/2014/06/schaeffer.html Acesso em: 22 ago. 2015.

SILVA, Elizabete Bianca Tinoco. **Mecanismos de defesa do ego**. 2010. Documento produzido em 15-07-2011, publicado em o 'Portal dos Psicólogos'. Disponível em: www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0212.pdf Acesso em: 25 mar. 2016.

SILVA, Luiz Eduardo Ferreira da. **Ciência como técnica ou técnica como ciência**: nas trilhas da Arquivologia e seu status de cientificidade. 2013. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

STIRNER, Max. **O único e sua propriedade**. Lisboa: Antígona, 2004.

TACHIZAWA, Takeshy; MENDES, Gidazio. **Como fazer monografia na prática**. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

TRESS, Werner. **Wider den undeutschen Geist**: Bücherverbrennung 1933. Berlin: Parthas, 2003.

UNITED STATE HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Indoctrinating youth**. Disponível em: www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007820 Acesso em: 27 jan. 2016.

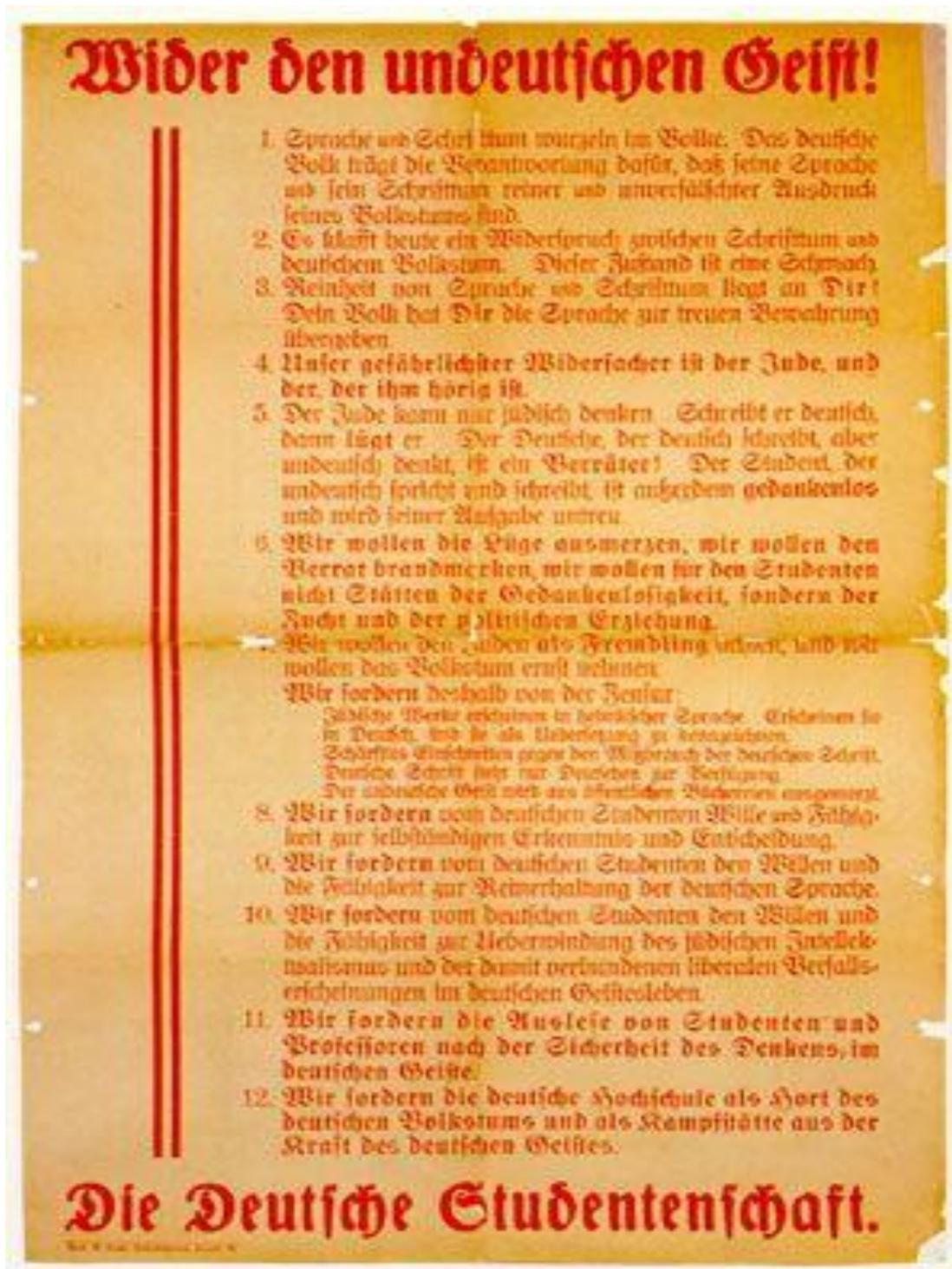
VERGUEIRO, W. de C. S. Censura e seleção de materiais em bibliotecas: o despreparo dos bibliotecários brasileiros. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 16, n. 1, 1987.

WACHTEL, Klaus. Arthur Stein; GROAG, Edmund Groag. Zweijüdische Gelehrtschicksale in Wien und Prag. In: HRUZA, Karel (Org.). **Österreichische Historiker**: Lebensläufe und Karrieren 1900–1945. Viena: Böhlau Viena, 2014.

WELCH, David. **The Third Reich**: Politics and Propaganda. 2nd ed. London: Routledge, 1993.

ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

Recebido/Recibido/Received: 2017-02-11
Aceitado/Aceptado/Accepted: 2017-12-17



Schwarze Liste

Schöne Literatur (vollständig)

Die vorliegende Liste nennt alle Bücher und alle Autoren, die bei der Säuberung der Volksbüchereien entfernt werden können. Ob sie alle ausgemerzt werden müssen, hängt davon ab, wie weit die Lücken durch gute Neuanschaffungen aufgefüllt werden.

Die Liste sagt nichts aus über den faktischen Bestand der einzelnen Büchereien. Sie gilt nur als allgemeines Hilfsmittel für Bibliothekare und Kommissare, die mit der Säuberung beauftragt sind.

Anthologie jüngster Lyrik
Anthologie jüngster Prosa
Asch, Nathan
Asch, Schalom
Babel: Budjonys Reiterarmee
Barbusse, Henri
Beer-Hofmann, Richard
Birkenfeld, Günther
Bobinskaaja: Karbunauri
Bogdanow: Das erste Mädcl
Bongels: alles ausser: Biene Maja, Himmelavolk
Hley
Braune: Mädchen von der Orga Privat
Brecht, Beri
Breitbach, Rot gegen Rot
Brod, Max: alles ausser: Tycho Brahe
Brück: Schicksale hinter Schreibmaschinen
Carr, Robert
Doebelin, Alfred: alles ausser: "Wallenstein"
Don Passos
Dreissig neue Erzähler des neuen Russlands
Dreissig neue deutsche Erzähler
Ebermayer: Die Nacht in Warschau
Edschmid, Kasimir: alles ausser: "Timur", "Die 8 Mündungen"
Ehrerburg: alles ausser "Grachus Baboeuf"
Essig, H.
Felden: Eines Menschen Weg
Feuchtwanger, Lion
Fink, Georg
Frank, Leonhard: alles ausser: "Räuberbande", "Ochsenfurter Männerquartett"
Frey: Pflasterkasten
Geist, Rudolf
Gladkow, Fjodor